
Caminhada etnográfica em itinerários urbanos

A etnografia de rua em deslocamentos na cidade

Bruno Guilhermano Fernandes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3172>

DOI: 10.4000/pontourbe.3172

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Bruno Guilhermano Fernandes, « Caminhada etnográfica em itinerários urbanos », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3172> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3172

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Caminhada etnográfica em itinerários urbanos

A etnografia de rua em deslocamentos na cidade

Bruno Guilhermano Fernandes

NOTA DO AUTOR

Orientadora: Prof. Dra. Patrice Schuch
Professora do Departamento de Antropologia (IFCH/UFRGS)
Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi – UFRGS)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução

- 1 Neste relato etnográfico, proponho a exposição de notas sobre descontinuidades e mobilidades em torno de uma atividade coletiva, concebida por seus participantes pelo nome de “Caminhada Etnográfica”, realizada no dia 24 de outubro de 2015. Essa proposta foi promovida como exercício da disciplina “Leituras e Escritas Etnográficas”, ministrada no segundo semestre desse ano, pela professora e antropóloga Patrice Schuch. A ação reuniu estudantes da licenciatura e do bacharelado do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O percurso da caminhada, estimulada pela concepção da “etnografia de rua” enquanto exercício inventivo e de estranhamento do familiar (como intensivamente destacou o trabalho de Gilberto Velho), envolveu os participantes em incursões por ruas e avenidas dos bairros Cidade Baixa e Azenha, na cidade de Porto Alegre/RS. Neste texto, apresento o diário de campo dessa experiência coletiva, bem como registros fotográficos, compartilhados também com os estudantes e colegas envolvidos nas aulas da referida disciplina.

- 5 Em seguida, mais pessoas chegaram e a roda formada por colegas, homens e mulheres, ampliou-se, porém influenciada significativamente pela presença de outras duas pessoas que se aproximaram e “capturaram” o olhar e a percepção da maioria dos que ali estavam aguardando o início da caminhada coletiva³.
- 6 Com a roda ampliada, uma mulher em situação de rua fez daquele círculo um espaço para sua enunciação, antes, porém, disputando um lugar no banco com as colegas que ali esperavam e a observavam. Essa interlocutora⁴ trouxe relatos diversos em torno de sua vida e sobre como foi parar na rua. Em sua narrativa, posso destacar a afirmação de que optou ir para as ruas como alternativa a uma vida precária, de violência e desentendimentos com sua família e companheiro, evidenciando a situação de rua como a solução inicial para as situações de violências e insatisfações com o espaço doméstico. Detalhou ainda a relação com seu ex-companheiro (marido), afirmando que ele permanecia gostando dela, e que tinha certa dose de esperança de que ocorresse um possível retorno. Com seu relato, inicialmente espontâneo e depois motivado por perguntas da turma, foram conjugados diferentes componentes estruturais e biográficos que explicavam parcialmente a sua situação atual e presença naquele local.
- 7 Em seguida e inesperadamente, atravessando a Avenida Érico Veríssimo, ao lado da praça, a figura de um homem adulto toma conta da atenção de todo o grupo. Tratava-se de Zulu⁵, um personagem alto, descontraído, que chegou e entrou no meio do círculo. Vestindo uma camiseta branca com a palavra Salvador escrita, um copo de cachaça (talvez água) na mão, ele foi cumprimentando um a um, com comentários direcionados, a todos que ali estavam. Muitos foram os momentos de risada. Zulu sabia manipular suas falas e piadas dentro de um quadro teatral que ele mesmo instaurou e protagonizou naquele momento, produzindo táticas sofisticadas para se aproximar, interagir e alcançar alguns objetivos pela relação na rua. A impressão que ele queria nos transmitir revelava a sua capacidade para projetar uma determinada representação em torno de sua própria imagem. Essa projeção emergia de modo que todos e todas, ali presentes, identificassem valores e comportamentos específicos em Zulu, sendo outra forma de causar uma “boa impressão” e eventualmente uma aproximação maior. Zulu construiu uma visão "dramatúrgica" em suas interações na praça, onde rapidamente protagonizou diferentes papeis a partir daquele encontro com os estudantes.
- 8 Todos e todas iniciaram a caminhada e de imediato, após um acordo coletivo, fizemos uma parada para o café, pela rua José do Patrocínio. Ali, num café-bistrô, algumas pessoas optaram por tomar ou comer algo, outras singelamente por aguardar. No entanto, aguardavam também em interação, talvez dialogando sobre as impressões primeiras do campo, talvez sobre assuntos diversos. Uma característica da caminhada se sobrepôs nesse primeiro instante: para além do contato físico e visual com os lugares que passaríamos (pedaços da cidade), a troca dialógica predominava no grupo conforme os pontos e surpresas encontrados, que incentivavam ainda mais a comunicação entre os estudantes. Em seguida, após algumas combinações sobre os rumos que seriam tomados, a turma seguiu pela rua José do Patrocínio em direção a Praça Sport Club Internacional, quase ao lado do Hospital Porto Alegre (HPA), já no bairro Azenha. Na praça, galhos pelo chão, ou resquícios de grandes árvores que tinham caídos recentemente, notificavam que a cidade havia sido atingida por uma chuva e vento forte nos últimos dias. Naquele sábado o clima manteve-se nublado, com um sol discreto.
- 9 Nessa praça, o grupo manteve-se dialogando sobre a direção que todos e todas poderiam seguir. Em frente à Escola Estadual Afonso Emilio Massot, alguns jovens ocupavam a

calçada. A turma resolveu fazer a volta em torno dela, passando assim pela Rua Jornal do Brasil, João Neves da Fontoura e Oto Ernest Meier, para, em seguida, seguir por uma pequena travessa que possibilitou acessar a comunidade quilombola urbana Família Fidélis, ainda no bairro Azenha. Nas três ruas, poucas movimentações marcavam aquela manhã. Além dos colegas envolvidos, poucos carros e pessoas estavam nas ruas. Porém, uma pessoa muito discreta, quieta e deitada sob cobertores chamava atenção, o que me fez registrar sua presença em fotografia. Era uma pessoa em situação de rua, que dormia em baixo de uma aba vinculada a um prédio da empresa chamada comumente de EPTC. No muro do prédio onde esta pessoa estava deitada uma frase que marcava a cena: “Faça como a EPTC: recicle sua atitude; separe o lixo!”. De imediato, vi-me pensando e afetado pela cena que presenciava, ponderei: o que acontecia com o lixo, uma separação e seletividade, talvez ocorresse também com as pessoas... Era o espaço urbano ofertando seu dom, mostrando que além de encontros, desencontros e conflitos, oferecia também evidências simbólicas e corporais sobre a relação entre desigualdade e diversidade social.



Figura 2: uma noite e manhã na rua João Neves da Fontoura
Foto tirada pelo autor

- 10 Na travessa da comunidade quilombola Família Fidélis, uma gruta resguardando a imagem de Nossa Senhora Aparecida, as casas com fachadas bem variadas e um pé de bananeira, contrastavam especialmente aquela comunidade com o prédio do Hospital Porto Alegre, bem ao lado. Alguns cachorros observavam o deslocamento do grupo. Nessa passagem, algumas pessoas comentavam que nunca haviam por ali passado. No final, em direção a Cidade Baixa, encontrei um conhecido que morava na comunidade. Ao ver-me, questionou o que fazíamos por ali e expliquei que se tratava de uma caminhada como atividade de aula. Reafirmando sua presença e pertencimento ao local e notando o caráter de passagem de nosso exercício, mencionou: “- aqui é um quilombo em processo de regularização”. Ele confirmou a existência do reconhecimento estatal da comunidade e,

consequentemente, de pesquisas antropológicas atreladas a aquele recorte do espaço urbano. Logo, ele se despediu e seguiu para outro caminho.

- 11 A caminhada etnográfica seguiu, com o objetivo de retornar ao bairro Cidade Baixa, acessando-o pela Rua General Lima e Silva para pontos com maior concentração e circulação de pessoas, provavelmente para presenciarmos paisagens que possibilitariam a construção de um conhecimento da vida urbana “na e pela imagem que compartilharíamos com outras pessoas” (Eckert & Rocha), não focando apenas na interação de pesquisa com elas, mas também capturando significações em torno do cotidiano daqueles que moram ou se deslocam pelo bairro. Pela Rua General Lima e Silva, Olavo Bilac e pela Avenida João Pessoa, a paisagem era também marcada por moradias residenciais misturadas a diferentes casas comerciais, lançando a calçada como arena onde produtos e propagandas de serviços disputavam o espaço com os pedestres, exigindo pequenos e grandes desvios, bem como dificultando que os passos do grupo ocorressem de modo regular pelas calçadas.





Figura 3 e 4: comércio na rua Lima e Silva
Foto tirada pelo autor

- 12 Na Rua Olavo Bilac, em direção a Avenida João Pessoa, homens trabalhavam cortando e juntando galhos e folhas de árvores que haviam sido abaladas com as chuvas nos últimos dias. Do outro lado da rua, uma imagem e ação se destacavam em meio às mudanças na arborização local. Um homem mexia num container para lixo, agrupando latas e outros materiais em seu carrinho, um carrinho de supermercado cercado por dois sacos de lixo onde o material era separado. O trabalho daquele homem, que possivelmente seja na venda informal de materiais recicláveis, se somava ao trabalho dos homens que cortavam as árvores para compor as movimentações da manhã na Rua Olavo Bilac.
- 13 Próximos a Avenida João Pessoa, uma casa noturna, chamada *Carmen's Club*, era fotografada e motivo de comentários do grupo, principalmente por ter em sua fachada pequenas bandeiras penduradas de países cujas seleções de futebol supostamente haviam estado durante a Copa do Mundo FIFA 2014 em Porto Alegre, exceto a bandeira do Brasil, que se destacava por estar do outro lado da sua entrada. Até ali, a ambiência urbana demonstrava a existência de uma diversidade de lugares, com finalidades e configurações distintas, que eram salientadas pelo grupo na experiência da caminhada etnográfica.
- 14 Pela Avenida João Pessoa, movimentada tanto pela existência de residências e casas comerciais, quanto pela elevada circulação de automóveis - caracterizada como uma via muito utilizada na mobilidade urbana entre o centro da cidade e bairros próximos e periféricos - o grupo deslocava-se e conversava em meio ao barulho de carros, ônibus, motos e pessoas conversando pelas calçadas. Pela avenida, no lado oposto ao Parque Farrroupilha, conhecido por Redenção, levantamos a possibilidade de ir até a feira desse parque, ação que, no entanto, não foi concretizada.
- 15 Seguindo a caminhada, dialogava com Patrice, docente responsável pela disciplina vinculada à caminhada⁶, a partir de memórias que foram suscitadas pela passagem

próxima a um setor do Parque Farrroupilha, chamado também de Redenção, acessado pela avenida. Esse setor era o antigo lugar de reuniões do Jornal Boca de Rua, composto por pessoas em situação de rua, que, sem ter uma sede própria, através de seus integrantes e colaboradores usufruíam de parte daquele espaço público para as reuniões, as quais pude acompanhar realizando pesquisa e ações de extensão relacionados a outro projeto. Durante as reuniões naquela parte do parque, dois fatores comumente atrapalhavam o trabalho de elaboração do jornal por seus integrantes: de um lado, o barulho dos automóveis e movimentações na avenida; por outro, a presença recorrente da Polícia Militar, que realizava o patrulhamento pelo parque de automóvel ou pela cavalaria.

- 16 Diante dessa última prática, muitos integrantes ficavam preocupados e/ou direcionavam a sua atenção para a passagem da polícia, receosos diante de uma possível intervenção militar na reunião e/ou com a própria violência estatal, que comumente incide sobre a trajetória de quem habita, circula ou vive em situação de rua. Em determinado momento, as reuniões passaram a ser realizadas na Casa de Cultura Mário Quintana, ocorrendo conflitos e discriminações os quais também pude analisar em outro texto etnográfico⁷. Como última opção, os integrantes voltaram a realizar os encontros na Redenção. A passagem com a turma e as lembranças do local, motivou-me a pensar o espaço urbano como cenário de projeção de imagens produzidas e significadas por determinadas vivências pelas pessoas, que, ao se depararem com esse cenário em seu cotidiano, suscitam recordações e releituras de acontecimentos passados de acordo com as situações e passagens que nele realizam.
- 17 Na parte final da caminhada etnográfica, o grupo seguiu pela Rua da República e Rua José do Patrocínio para chegar até a feira de produtos ecológicos de alimentos como frutas e verduras e outros, no Largo Zumbi dos Palmares. Na Rua da República, bares fechados, restaurantes e lojas, misturadas com moradias, casas e prédios, formavam a paisagem local. Como conhecimento prévio, sabíamos que a movimentação da manhã era radicalmente distinta da movimentação e apropriações da rua na noite anterior, que concentra boa parte da vida noturna do bairro Cidade Baixa. De dia, porém, evidencia-se com mais intensidade e precisão aquilo que a noite tende a ocultar: pichações em vários muros da rua, bem como melhores possibilidades de se deslocar em suas calçadas. As mesas, concentrações de grupos diversos e diferentes esferas de sociabilidade na vida noturna não caracterizavam o trajeto naquele momento. Contudo, a identificação das pichações pelos muros do bairro incentivava a formulação de questões em torno dos grupos que ali interagem, na medida em que são símbolos que surgem como indicadores da sociabilidade da juventude por ali, registrando as marcas de suas territorialidades e manifestações políticas e estéticas.



Figura 5: traços nos muros da esquina João Pessoa com República
Foto tirada pelo autor

- 18 Após a Rua da República, todos e todas seguiram pela Rua José do Patrocínio, outra passagem que pode ser caracterizada de modo semelhante à primeira. Porém, na mobilidade coletiva, um fato e registro chamaram-me atenção. Era novamente a imagem de uma pessoa em situação de rua, que dormia em papelões na frente de uma área de um bar fechado. Deitado de lado, de camiseta preta, calça jeans e com os pés descalços e machucados aquela pessoa, discreta e potencialmente desumanizada incentivou-me a manipular a máquina digital para registrar a sua situação. Não hesitei em tirar a foto, mas de um modo ligeiro e mais discretamente possível. Em reação ao meu comportamento e pela aproximação, fui questionado por uma amiga e colega: “tu pediu autorização pra ele pra tirar a foto?”.



Figura 6: o descanso e as marcas nos pés – pessoa em situação de rua na Rua José do Patrocínio
Foto tirada pelo autor

- 19 Refleti. Possivelmente ela queria levantar inquietações sobre aquele ato e a autoridade do etnógrafo. No entanto, mobilizado pela imagem, respondi a ela: “prefiro deixar ele dormir”. No momento, estava preocupado muito mais em registrar as marcas de uma vida supostamente precária, produzida por multicausalidades (Schuch e Gehlen 2012:13) do que em obter uma autorização para fazer daquela imagem um registro fotográfico. A questão fez-me então refletir: o que é público para nós, que temos uma casa, residência, trabalho e vidas estruturadas em torno de certos objetivos e projetos de vida, é cunhado como privado para os que fazem da rua o seu espaço de moradia ou circulação, produzindo diferentes relações sociais, simbólicas e políticas a partir de variadas situações. A imagem capturada no espaço público “não pede passagem”.
- 20 Seguindo os passos da proposta teórico-metodológica de “etnografia de rua e câmera na mão” de Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha, é possível reafirmar que o uso de recursos audiovisuais durante a “etnografia na rua” é uma intervenção ambígua: ora faz parte do reconhecimento do estudante-antropólogo de seu lugar de pesquisa, ora é um momento de intervenção, consentida ou não, pelas pessoas envolvidas e registradas através da imagem capturada pelo equipamento. Com problematizações sobre esse uso, porém, é também um meio que amplia as possibilidades de reflexão em relação a aquilo que é capturado.
- 21 Em nossos itinerários, diferentes significados foram captados pelas imagens e pela memória em torno dos deslocamentos e interações proporcionadas pela caminhada etnográfica. Encerramos a atividade na feira do Largo Zumbi dos Palmares, localizado na esquina da Rua José do Patrocínio com a Avenida Loureiro da Silva, no bairro Cidade Baixa. A feira, que acontece durante todo o sábado pela manhã, concentrava a circulação de pessoas, a maior parte formada por consumidores e comerciantes, e, naquele dia, a presença também do grupo em sua caminhada.

- 22 A feira é um lugar privilegiado para a observação em torno das trocas formais e principalmente informais de produtos, mas também um ponto de encontro de frequentadores, formando um cenário configurado enquanto um território apropriado funcional e simbolicamente para a realização de trocas por diferentes grupos, que se inserem em diferentes arranjos coletivos naquele local para usufruir do que ele oferece.



Figura 7: Etnógrafos em deslocamentos pela feira (Largo Zumbi dos Palmares)

- 23 Em um dos pontos deste local, encontramos uma senhora, moradora do município de Sapucaia do Sul, na região metropolitana, que vendia aventais que ela mesma produzia. Em diálogo comigo e mais duas colegas, declarou: “cada um tem um dom e o meu é fazer o que eu faço”, expondo que vende o produto há 21 anos. Em sua narrativa sobre o trabalho, comentou: “gosto muito de caminhar”, anunciando que, geralmente, sai cedo de sua moradia e caminha por diferentes pontos de Porto Alegre, onde seus aventais despertem clientes em potencial, em áreas movimentadas para estabelecer vínculos através das vendas. Em suas palavras sobre a venda dos aventais: “a gente vende pra um e essa pessoa sempre faz propaganda pra outras e assim vai”. Também naquela manhã, o Largo contava com a presença de músicos que produziam diferentes sonoridades e conduziam o público acompanhante.



Figura 8: o músico e o bailarino agitando a feira
Foto tirada por Deissy Perilla

- 24 Em seguida, após o registro de fotos com todos e todas participantes da caminhada, demos por encerrada a atividade, realizando combinações iniciais sobre a escrita do diário de campo entre a turma. Agora, tendo registrado percepções principais dos acontecimentos em nossa ação coletiva, posso questionar o porquê desses acontecimentos e deslocamentos descritos estarem presentes em minha escrita do diário de campo. Ainda é algo a ser refletido, mas noto que é um olhar que diz muito de uma trajetória pessoal e acadêmica, produzido pela tensão entre a formação em ciências sociais, experiências de pesquisa com as marcas e vivências de pessoas com os deslocamentos pelo espaço urbano apresentado.

Considerações sobre a caminhada:

- 25 Andar, na experiência da caminhada etnográfica, foi uma estratégia para interagir com elementos distintos dos grupos e de lógicas que são encontrados pelas ruas de parte da cidade. Ressalto em meus escritos a presença de diferentes atores/personagens que compõem e compartilham um olhar para a cidade, como pessoas em situação de rua, que nos deparamos em diferentes momentos da caminhada e que experimentam o mundo na instabilidade do seu movimento. De modo semelhante, a prática da etnografia também nos coloca nesta incursão instável, porém de modo a traduzir o quadro de significados que tecem as interações num determinado lugar.
- 26 Assim, a caminhada etnográfica emerge como uma experiência coletiva, um exercício de deslocamento que promoveu deslocamentos de experiências, na medida em que a incursão por espaços da cidade produziu experimentações e novas interrogações sobre os sentidos e lógicas existentes naqueles recortes, mobilizando intensidades específicas a

partir de significados articulados por trajetórias humanas distintas e compostos por homens e mulheres que se encontram e desencontram em seus deslocamentos. Caminhar coletivamente, sem rumo na rua e com a câmera na mão, desafia e qualifica a prática etnográfica enquanto atividade inventiva.

BIBLIOGRAFIA

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza. “Etnografia de rua e câmera na mão”. *Revista Eletrônica Studium*. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm> .

FONTANARI, Ivan Paolo de F. 2010. “Nu, em Público: o diário de campo fora de lugar”. In: P. Schuch; M. S. Vieira; R. Peters (Org’s.), *Experiências, Dilemas e Desafios do Fazer Etnográfico Contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 145-156.

FERNANDES, Bruno Guilhermano. 2015. “A gente vai continuar se escondendo da sociedade? – notas etnográficas sobre a situação de rua, a violência e a discriminação em espaços urbanos”. *Ponto Urbe* [Online], n° 16. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2766> .

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo. 2012. “A situação de rua para além de determinismos: explorações conceituais”. In: A. Dorneles; J. Obst; e M. Silva (Org’s.), *A Rua em Movimento: Debates acerca da População Adulta em Situação de Rua na Cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil. pp. 11-25.

NOTAS

1. Refiro-me aqui à obra “Etnografia de rua e câmera na mão”, texto disponibilizado online pelas duas autoras, sem o ano de referência. Eckert e Rocha apresentam suas incursões na cidade de Paris, analisando etnograficamente, e com a produção fotográfica, determinados itinerários urbanos no mundo contemporâneo parisiense, sem itinerários determinados previamente aos seus deslocamentos.
2. Por questões éticas, o nome desse interlocutor foi alterado, no intuito de preservar a sua identidade e o seu anonimato diante da exposição desse diário.
3. Escrevendo este diário de campo subsequente - registro configurado pela tensão emergente das diferenças existentes entre o “eu” do etnógrafo, seu mundo acadêmico e pessoal e o mundo dos seus interlocutores (Fontanaria 2010:155) - não deixei de considerar a suposição de que estas interações iniciais estariam presentes nos diários de meus colegas, que, em certa medida, prestavam bastante atenção naquelas pessoas que apareceram na Praça Garibaldi. Noto, com isso, que o conhecimento prévio de que o diário de campo será compartilhado (a caminhada havia sido combinada em sala de aula), afeta na forma como ele será, é ou foi produzido, visto que, em outro momento de diálogo coletivo, pude notar que diferentes abordagens sobre os habitantes da praça estavam contidas nos demais diários dos meus colegas. Contudo, isso não minimizou ou encapsulou a descrição. Ao contrário, pareceu potencializá-la, no sentido de incentivar a busca de um estilo de escrita e uma narrativa específicos.
4. A interlocutora identificou-se a algumas pessoas que estavam mais próximas a ela, contudo nas minhas anotações optei por não ressaltar o seu nome verdadeiro.

5. O apelido “Zulu”, apresentado pelo próprio homem, foi mantido no diário.
 6. A disciplina “Leituras e Escritas Etnográficas” teve como um dos trabalhos a realização da caminhada etnográfica e a escrita do diário de campo subsequente. O objetivo era desenvolver um espaço de problematização e de exercício do fazer etnográfico enquanto atividade inventiva da antropologia.
 7. O texto etnográfico “A Gente Vai Continuar se Escondendo da Sociedade? – Notas Etnográficas Sobre a Situação de Rua, a Violência e a Discriminação em Espaços Urbanos” (Fernandes, 2015) expôs uma situação de violência e racismo com pessoas em situação de rua, observada na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre/RS.
-

AUTOR

BRUNO GUILHERMANO FERNANDES

Graduando em Ciências Sociais - UFRGS
Estudante e bolsista de Ensino e Pesquisa
Departamento de Antropologia (IFCH/UFRGS)
E-mail: brunoguilhermano@gmail.com